

A ARQUITETURA NO «LARGO TEMPO DO MANUELINO».

SÍNTESE PRAGMÁTICA E EFICIENTE

TIAGO FILIPE TRINDADE CRUZ*

Resumo: As viagens dos Descobrimentos portugueses, nos séculos XV e XVI, são um dos atos fundadores de uma sociedade globalizada. Ao promoverem trocas de experiências e o conhecimento de outras realidades, potenciaram a confrontação ideológica e a circulação do saber. Pelo surto construtivo sem precedentes que então ocorreu, esta época consubstanciou-se como uma das mais fecundas na História da Arte em Portugal, legando-nos uma arquitetura plena de simbolismo e significados.

Neste contexto, torna-se essencial perceber de que modo estas construções, fruto de uma matriz dinâmica, se concretizam numa desejável síntese: pragmática e eficiente. É fundamental indagar acerca da sua capacidade de questionar a importação de modelos e de que modo problematizam a origem e o sentido das suas «formas e ideias».

Palavras-chave: «largo tempo do manuelino»; Tardo-gótico; Arquitetura; História da Arte.

Abstract: The voyages of the Portuguese Discoveries in the fifteenth and sixteenth centuries are one of the founding acts of a globalized society. By promoting the exchange of experiences and the knowledge of other realities, they potentiated the ideological confrontation and the circulation of concepts. By the unprecedented constructive outbreak that occurred then, this time was consolidated as one of the most fruitful in the History of Art in Portugal, bequeathing us an architecture full of symbolism and meaning.

In this context, it becomes essential to understand how these constructions are realized in a desired synthesis: pragmatic and efficient. It is crucial to inquire about their capacity to question the import of models and how they discuss the origin and meaning of their «forms and ideas».

Keywords: «large time of the manuelin»; Late gothic; Architecture; History of Art.

* FLUP | CITCEM. tiagocruz@tiagocruz-arq.com.

INTRODUÇÃO

As viagens dos Descobrimentos portugueses, nos séculos XV e XVI, desencadearam alterações no entendimento do mundo e do homem, sendo um dos atos fundadores de uma sociedade globalizada. Ao promoverem trocas de experiências e o conhecimento de outras realidades, potenciaram a confrontação ideológica e a circulação do saber. Pelo surto construtivo sem precedentes que então ocorreu «na metrópole, nas ilhas adjacentes e nos demais espaços imperiais portugueses»¹, este período de transição da medievalidade para a época moderna consubstanciou-se como um dos mais fecundos na História da Arte em Portugal, legando-nos um singular conjunto de construções, plenas de simbolismo e significados.

*O panorama de crescimento do Reino português e dos territórios sob sua influência durante o reinado de D. Manuel I (1495-1521) mostra, a propósito do ambiente artístico então desenvolvido, uma dinâmica nunca antes atingida e um grande esforço de modernização sob tutela centralizada*².

A arquitetura comumente designada como «manuelina», salvaguardando as suas expressões mais precoces, foi desenvolvida e consolidada durante o reinado de D. Manuel I (1495-1521), acompanhando o período inicial do de D. João III (1521-1557). Corresponde à fase final do gótico em Portugal e, à semelhança do que aconteceu com outras formas artísticas europeias da mesma época («Tudor» e «isabelino», por exemplo), associa-se tradicionalmente ao monarca ou dinastia vigente no referido período histórico. Em Portugal, D. Manuel I, assumindo-se como «o César da época moderna»³ patrocinou, durante o período do seu reinado, uma «arquitetura iconológica», definida por Fernando Grilo como «aquela que é concebida de raiz para cumprir simultaneamente várias funções a que, por várias circunstâncias acrescem funções de representação iconológica do encomendador»⁴.

Conforme consta, o termo «manuelino» foi inventado por Varnhagen (1816-1878), em 1842, na sua *Notícia Histórica e Descritiva do Mosteiro de Belém*, e tem estado na base de um amplo debate historiográfico. Foi em torno deste tema que se iniciou, com Joaquim de Vasconcelos (1849-1936), a crítica comparada na historiografia da arte portuguesa⁵. «[P]ela crítica comparada dos monumentos da

¹ SERRÃO, 2002: 21.

² SERRÃO, 2015, p. 186.

³ DIAS, 2009: 10.

⁴ GRILO, 2015: 208.

⁵ BOTELHO, 2015: 501.

Europa meridional»⁶, é levado a cabo um ensaio relativo às especificidades e fatores diferenciadores da arquitetura da época manuelina.

*Dentro do que geralmente se define por “estilo manuelino” conjuga-se, pois, toda uma série de “rotas” artísticas que vão do tardo-gótico, sequencial do gosto vernacular de construção quatrocentista, a ressaibos mudéjares, platerescos e mesmo nórdicos, a novidades proto renascentistas italianas, a “motivos de retorno”, inspirados no contacto com os modos de ver e sentir de outros povos (Índia, África, Brasil)*⁷.

O superlativo interesse pelas construções deste período está, por um lado, na grande multiplicidade de influências que contribuíram para a sua formulação e que se materializam, com mais ou menos evidência, no património construído e, por outro, por refletirem, tal como já foi referido, uma ampla circulação de «formas e ideias», a mobilidade artística e os intercâmbios culturais à época. A necessidade de abordar este período crítico de mudança social e cultural, com transformações profundas, é crucial. Para além das permanências e continuidades, verificáveis no domínio do construído, esta época é também um prelúdio de ideias, atitudes e modelos claramente modernos.

A arquitetura concebida no «largo tempo do manuelino», enquadrando-se nos modelos europeus, deverá, pois, ser entendida como uma síntese pragmática e eficiente. Desenvolveu-se num período de transição (não apenas artística, mas política, económica e social), congregando os já referidos elementos do gótico final, bem como princípios do pensamento renascentista italiano e maneirista.

Por outro lado, e tal como é do conhecimento geral, o fenómeno do gótico não se desenvolveu uniformemente no continente europeu. Para uma mais eficaz compreensão desta realidade construída é importante considerar novos pontos de vista e reavaliar considerações anteriores. É, pois, neste sentido que aponta a investigação mais recente, nomeadamente a efetuada pela rede de investigação *TARDOGOTICO – Grupo de Investigación de Arquitectura Tardogótica*, em Espanha, o projecto da União Europeia *GOTHICmed – Virtual Museum of Mediterranean Gothic Architecture* e o projecto *MAGISTER – Arquitetura tardo-gótica em Portugal: Protagonistas, modelos e intercâmbios artísticos (séc. XV-XVI)*, entre muitos outros. Estes projetos e novas linhas de investigação, ao proporcionarem um amplo espaço de reflexão e debate de ideias, têm vindo a sugerir renovadas oportunidades de abordagem e novas leituras do nosso património construído.

⁶ VASCONCELOS, 1885: 7.

⁷ SERRÃO, 2002: 28.

1. A MOBILIDADE ARTÍSTICA

1.1. A circulação de formas e ideias

[O]s homens ligados ao universo da pedraria tardo-gótica não conhecem propriamente o conceito de fronteira e como consequência a paisagem arquitetónica do século XV e das primeiras décadas do século XVI é encarada de forma mais ampla e integrada, traduzindo-se num fenómeno transnacional⁸.

A historiografia da arte portuguesa tem-nos demonstrado a importância da mobilidade geográfica como possibilidade de cruzamento de influências e como esta contribui para a formação do gosto de mecenas e de autores. Num sentido mais vasto, e tal como tem vindo a ser afirmado, a mobilidade geográfica e a viagem possibilitam a migração artística e a circulação de «formas e ideias». Nesta abordagem não podemos deixar de referir os conceitos de transmigração artística, transferência cultural e nomadismo artístico, só para citar alguns.

Por outro lado, a promoção do estudo das viagens dos artistas, das ideias e das técnicas construtivas, num contexto multidisciplinar, é fonte de informação privilegiada no campo de estudo da História da Arte e nas Ciências humanísticas, em geral. «A sua divulgação constitui um passo importante para a construção de um olhar cada vez mais multifacetado sobre a nossa herança cultural, artística e patrimonial⁹. Se, por um lado, não são indiferentes, os propósitos da narração, o seu enquadramento e as circunstâncias em que ocorrem deverão ser contextualmente entendidos. É preciso, pois, também indagar em torno dos mediadores e nos mecanismos destas circulações artísticas. Certo é que «nenhum pensador ou historiador pode passar sem os viajantes»¹⁰.

É neste sentido que, enquadrando as transferências artísticas num campo mais alargado, pensar a viagem se revela como uma das grandes tarefas do nosso tempo¹¹. O seu estudo assume-se como essencial em vários campos do saber e a ela se têm dedicado com afinco ensaístas, escritores, cientistas, artistas e investigadores. Seja como fonte de inspiração, na conceptualização/materialização de uma visão do mundo ou como instrumento de (re) conhecimento de um passado histórico (mais ou menos distante), e/ou para um entendimento mais ajustado do presente, o ato da viagem e o seu consequente registo revelam um multifacetado campo de possibilidades de abordagem e múltiplas perspetivas de entendimento.

⁸ SILVA, 2015: 237.

⁹ PAULINO, 2013: 14.

¹⁰ ADAMS, 1988: 223 *apud* PAULINO, 2013: 18.

¹¹ ALMERIA, 2007: 7.

A mobilidade geográfica implica a deslocação do próprio sujeito do conhecimento. Constitui-se como uma forma de aproximação a realidades complexas e permite percecionar diferentes espaços e tempos. Ao viajarmos somos levados a tomar novos pontos de vista e a identificar novas centralidades e linhas de discurso e de pensamento. Ao viajante está reservado um importante papel de mediador e intérprete cultural. Os relatos por si deixados resultam sempre de uma «situação de compromisso» entre a experiência vivenciada e o seu *background* cultural. «[T]rata-se pois de passar através da noção de transferências artísticas, de uma problemática de receção e da influência para uma problemática do papel dos mediadores nos mecanismos destas circulações e dos seus efeitos»¹².

«A valorização da viagem está [em larga medida] associada à descoberta do outro»¹³. Neste sentido, as próprias viagens dos descobrimentos desempenharam um importante papel no domínio da antropologia e da etnologia, sendo os seus relatos importantes fontes de informação nestes domínios. São muitas vezes pontos de partida para explorar a etno-história e a etnolinguística, entre muitos outros caminhos possíveis, de povos colonizados pelos portugueses e pelos espanhóis durante o referido período. Por outro lado, não nos podemos esquecer que a viagem nos permite identificar as razões de permanência ou fixação de uma determinada comunidade de indivíduos a um local.

1.2. A viagem na idade média e renascimento

Pese embora o facto de que muito do conhecimento do mundo medieval revele um mundo fechado em si mesmo, havia uma grande permeabilidade favorável a trocas e a permutas de bens e saberes. Uma das explicações para este intercâmbio reside no intenso fluxo de rotas e viagens que, durante o período medieval (e de uma forma mais consistente a partir do séc. XIII), percorreu o continente europeu, em toda a sua amplitude. Sozinhos ou em grupo, os viajantes (mercadores, peregrinos, clérigos, artistas e reis) atravessaram o espaço, dentro e fora dos limites da cristandade.

Não obstante as dificuldades que poderiam acarretar as deslocações na Idade Média, as viagens neste período eram muito mais frequentes do que aquilo que até há alguns anos se julgava. «Os historiadores têm vindo a demonstrar como a sociedade do Ocidente medieval conheceu uma intensa circulação de homens e de ideias»¹⁴. As diversas rotas estabelecidas, quer por peregrinos, mensageiros ou cavaleiros em missão, contribuíram largamente para uma leitura de continuidade

¹² GUILLOUET, 2011: 205 *apud* SILVA, 2015:237.

¹³ RAMOS, 2012: 194.

¹⁴ LOPES, 2006: 2.

e para o estabelecimento de redes de conexão entre destinos (mais ou menos distantes) durante o período medieval. A partir de quatrocentos começa também a estar cada vez mais presente a ideia de deslocação com fins culturais. Assiste-se, também assim, à gênese do fenómeno das viagens de estudo.

Os relatos dessas viagens demonstram-nos como elas constituíam, no imaginário medieval, um ponto de confluência entre geografia, história, lenda e mito. Misturam-se muitas vezes as necessidades profanas com a simbologia, a proteção divina e a purgação das almas. Esta intensa circulação terá permitido uma leitura das diferentes realidades existentes e a afirmação de uma matriz consistente de um *Ocidente cristão* capaz de se disseminar por territórios muito vastos e distantes entre si, desde a Escandinávia à bacia do Mediterrâneo. A expansão do cristianismo na Europa, durante a Idade Média, trouxe também um novo ímpeto para a viagem. As peregrinações religiosas tiveram grande impacto na sociedade medieval e são, em si mesmas, um símbolo do processo de europeização.

A Idade Média e o Renascimento foram também, na Europa, importantes períodos de deslocações de reis e governantes. Vejam-se, por exemplo, a viagem de D. Manuel I a Castela, em 1498 e a sua embaixada, no ano de 1514, ao papa Leão X (pap. 1513-1521). Se esta última tinha como objetivo demonstrar a obediência do reino de Portugal à Santa Sé e ver reconhecida a importância do país na propagação da fé católica, a primeira foi um celebrado acontecimento que marcou a viragem do século XV. Para além destas viagens, muitas outras deverão ser consideradas, num estudo desta natureza. «A edição, pela Academia Portuguesa de História, dos itinerários régios de alguns monarcas portugueses permitiu delinear percursos mais ou menos importantes em território nacional»¹⁵.

2. A ARQUITETURA «NO LARGO TEMPO DO MANUELINO»

2.1. Síntese pragmática e eficiente

*Como seria diferente Portugal se não tivesse consumado a sua epopeia ultramarina. As nossas vilas e cidades ribeirinhas não se tinham enchido de casas com portadas e janelas decoradas, não teriam enriquecido as Misericórdias, não haveria tanta capela-funerária ricamente ornamentada, de fidalgos mercadores nobilitados, o rei não patrocinaria tanta capela-mor de igrejas conventuais e monásticas, de paróquias ou das ordens militares de que era padroeiro (...). Que pobres seriam Viana, Braga, Barcelos, o Porto ou Lamego sem os cabedais arrecadados nas Índias ou no Novo Mundo*¹⁶.

¹⁵ RESENDE, 2013: 10.

¹⁶ DIAS, 2007: 15.

A arquitetura produzida no «largo tempo do manuelino», sob a congregação de múltiplas influências, e «num encontro internacional de estilos»¹⁷, concretiza-se, em território nacional, num «programa aglutinador»¹⁸ e num vasto plano construtivo. Desenvolvendo-se num período de transição, conjuga influências múltiplas. Como observa Vítor Serrão, o manuelino traz também uma dinamização espacial moderna: podemos, deste modo, encontrar novas soluções na articulação espacial, como as abóbodas de combados e a adoção das igrejas-salão, permitindo levantar as três naves à mesma altura, com uma luminosidade homogénea e uma conceção unitária do espaço¹⁹.

A necessidade de exportação dos modelos para o território colonial moldou na arquitetura do período manuelino a marca de representação do poder. A inevitabilidade de adaptação a diferentes contextos traduz-se numa variedade e espontaneidade ecléticas. Na diversidade dos sistemas regionais, esta arquitetura revelou uma forte capacidade de articulação e assimilação de elementos autóctones. Dada a dispersão geográfica, constitui a primeira divulgação de uma linguagem artística de matriz europeia em espaços culturais distantes e dispersos, que a historiografia tem vindo a integrar no capítulo da «arte portuguesa no mundo».

2.2. Ver para além dos estilos

Na arquitectura medieval portuguesa a perduração de soluções góticas e tardogóticas, e a própria natureza da arquitectura manuelina, dificultam o estabelecimento de cronologias artísticas que sirvam de aferição ao estudo da arquitectura. Uma cronologia nunca é simples, na medida em que ela não é, necessariamente, a mesma para todas as produções de uma sociedade e de uma época²⁰.

Como é sabido, as divisões tradicionais dos estilos da história da arquitetura europeia bloquearam uma compreensão efetiva da realidade construída nacional. Como afirma Lúcia Rosas, «[a] noção pouco flexível de estilo como elemento operativo da História da Arte em geral, e da História da Arquitetura em particular, reduz o campo de análise dos edifícios e estreita o conhecimento dos mesmos»²¹. Muitas das leituras que possuímos, de determinados acontecimentos artísticos, estão ainda condicionadas por visões historiográficas mais conservadoras.

¹⁷ COSTA, 2004, p. 211.

¹⁸ COSTA, 2004, p. 211.

¹⁹ SERRÃO, 2002: 25-26.

²⁰ ROSAS, 2005: 107.

²¹ ROSAS, 2006: 187.

Na verdade, um «estilo» como instrumento de classificação, não poderá ser apenas um conjunto de meios e de regras que detectámos numa criação artística. Ele é mais o resultado de um espírito, o fruto de uma simbiose sistémica de «formas e ideias», a expressão da «kunstwollen» de uma determinada época, dos seus artistas e da sua sociedade²².

Compreendendo os percursos, fundamentos e condicionalismos da criação artística, o conhecimento deverá ser apreendido nas suas diferentes perspetivas e deverá ser sensível às suas variadas possibilidades de mobilidade (física e imaterial). É desejável que se possa reforçar a importância das múltiplas leituras do objeto artístico e das suas implicações na criação de uma narrativa histórica, social e até mesmo etnográfica. De igual modo, não podemos esquecer que a arquitetura – composta também pelo conjunto dos princípios, normas, técnicas e materiais utilizados para a criação de um espaço ou lugar – veicula uma resposta, quer na sua relação direta com o arquiteto, quer na forma como uma construção traduz as exigências de um programa, de uma encomenda ou de um mecenas.

Por outro lado, o debate em torno da arquitetura, enquanto obra e pensamento materializado, nos seus condicionalismos e circunstâncias, deverá ser orientado num sentido que permita dilatar as fronteiras do conhecimento e que incite à implementação de leituras mais vastas, complexas e, conseqüentemente, mais integradoras da realidade construída. Ao serem assumidas como documentos históricos privilegiados e como fundadoras de História, as obras de arte e a arquitetura deverão ser explicadas historicamente, como se procura fazer com os factos políticos, económicos ou científicos. Neste sentido, a leitura do passado e da História deverá ser encarada como facto mental, conceptual e não como representação mimética da passagem do tempo.

Concluindo, uma das chaves para uma leitura mais coerente e conforme do passado – e talvez uma das mais justas – é a própria experiência espacial. Só ela permitirá perceber as especificidades do clima, o toque da matéria e a relação com a terra e o mar. Determinados valores como a escala e a proporção deverão ser entendidos no próprio lugar, em confronto direto com as suas várias dimensões contextuais. Neste sentido, só a viagem permitirá apreender a arquitetura, como o corbusiano *jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz*.

2.3. A redescoberta do objeto historiográfico

Just when we thought we'd discovered, drawn and written everything there was to know about the history of architecture, it looks as if we'll have to start again²³.

²² ALMEIDA, 2002: 12.

²³ ZARAGOZÁ CATALÁN, 2007: 12.

Assistimos atualmente a uma revisão crítica de várias perspetivas historiográficas e a um intenso debate relativamente a conceitos herdados, particularmente do século XIX. Perante uma historiografia que procurou esboçar uma série de fronteiras políticas, religiosas e artísticas, reconfigura-se uma nova conceção medieval da realidade e das fronteiras entre os reinos, religiões e vocabulários artísticos: permeável e dinâmica, fomentando e incorporando o diálogo artístico. Reafirmamos a necessidade de uma nova leitura, «por cima dos estilos»²⁴. «Fernando Távora diria: o estilo não conta, conta sim a relação entre a obra e a vida»²⁵.

Uma acurada reavaliação da arquitetura construída em território nacional deverá ter em conta o contexto da Europa meridional, onde a linguagem clássica da arquitetura sempre esteve presente. Por outro lado, a arquitetura Gótica do Mediterrâneo europeu, com a sua forte tradição construtiva, coadjuvada pela presença de múltiplas influências civilizacionais ao longo da História, revela uma magistral interação com o território e funciona como um forte estímulo sensorial.

Como temos vindo a referir, novas rotas de investigação induzem novas possibilidades de releitura deste relevante património construído. Em Portugal, tal como noutros países, a questão impõe-se em duas diferentes perspetivas. Sendo essencial entender o nosso enquadramento na realidade da Europa mediterrânica, é também impositivo perceber de que forma este contexto lhe permitiu desenvolver uma resposta tão particular.

Serão as edificações deste período apenas importações de modelos ou, traduzem, em sim mesmas, uma perspetiva coerente e original? A interação de diferentes culturas e diferentes locais introduz uma matriz dinâmica que se concretiza, na realidade nacional, em edifícios ricos de simbolismo e de significado.

Serão as viagens dos descobrimentos portugueses, ponto de partida para uma realidade internacional globalizada acompanhadas por uma atitude reflexiva em relação ao conhecimento ancorado numa forte ligação ao seu contexto de origem? Esta é tanto mais eficaz quanto maior for a capacidade de investigar sobre o sentido das coisas e as suas raízes.

*É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já (...) É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomençar a viagem*²⁶.

²⁴ CARRERO SANTAMARIA, 2012: 117-138.

²⁵ COSTA, 2001: 38.

²⁶ SARAMAGO, 1995: 627.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Percy, *org. e ed.* (1988) – *Travel Literature through Ages: an Anthology*. Nova Iorque: Garland.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (2002) – *História da Arte em Portugal: O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença.
- ALMERIA, Luís Beltran, *org. e prólogo* (2007) – *Estética y hermenéutica del viaje*. Saragoça: Edicions Vitel·la.
- BOTELHO, Maria Leonor (2015) – *Será o manuelino um estilo (verdadeiramente) nacional? Joaquim de Vasconcelos e a procura do volksgeist na arte portuguesa*. In ALMEIDA, Isabel Cruz & NETO, Maria João, eds. – *Sphera Mundi. Arte e Cultura no tempo dos Descobrimentos*. Lisboa: Caleidoscópico, p. 499-509.
- CARRERO SANTAMARÍA, Eduardo (2013) – *Una simplicidad arquitectónica por encima de los estilos. La iglesia del monasterio cisterciense entre espacios y funciones*. In CARREIRAS, José Albuquerque, ed. – *Mosteiros Cistercienses – História, Arte, Espiritualidade e Património*. Alcobça: Jorlis, p. 117-138.
- COSTA, Alexandre Alves (2001) – *Excertos de escritos dispersos dos anos 80*. «Jornal dos Arquitectos», número 200. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, p. 38.
- (2004) – *Arquitectura Portuguesa*. «Antologia Jornal dos Arquitectos». Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, p. 211-212.
- DIAS, Pedro (2007) – *Artistas e Artífices e a sua Mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa (conferência inaugural)*. In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho, ed. – *Artistas e Artífices e a sua Mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa. Actas VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Porto: FLUP, p. 13-20.
- (2009) – *A Arquitectura Manuelina*. Vila Nova de Gaia: Fubu Editores.
- GRILO, Fernando (2015) – *Francisco de Arruda e a edificação da Torre de Belém (1514 – 1520). Circunstâncias, especificidades e modelos*. In ALMEIDA, Isabel Cruz; NETO, Maria João, eds. – *Sphera Mundi. Arte e Cultura no tempo dos Descobrimentos*. Lisboa: Caleidoscópico, p. 201-223.
- GUILLOUËT, Jean-Marie (2011) – *O portal de Santa Maria da Vitória da Batalha e a arte europeia do seu tempo: Circulação dos artistas e das formas na Europa gótica* (livro bilingue francês/português). Leiria: Editions Textiverso.
- LOPES, Paulo (2006) – *Os livros de viagem medievais*. «Medievalista online», ano 2, número 2. Disponível em <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/PDF2/viagens-PDF.pdf>>. [Consulta realizada em 01/04/2016].
- PAULINO, Maria Clara (2013) – *Uma torre delicada: Lisboa e arredores em notas de viajantes ca. 1750-1850*. Porto: CITCEM, FLUP e Edições Afrontamento.
- RAMOS, Rui (2012) – *Ler a viagem como passagem para o projecto: a lição da casa turca em Le Corbusier*. In TREVISAN, Alexandra; CUBERO, Josefina Gonzalez; ALMEIDA, Pedro Vieira de, eds. – *Ler Le Corbusier*. Porto: Edições do CEEA/1.
- RESENDE, Nuno (2013) – *Todos os caminhos vão dar a Roma? Síntese sobre estudos hodográficos e problemáticas afins em Portugal. III ENCONTRO CITCEM | Paisagem – (I)Materialidade*. Baião: CITCEM.
- ROSAS, Lúcia Cardoso (2005) – *Investigação em História da Arte e a sua aplicação nas acções de recuperação e de reabilitação do património. Materiais de construção e ritmos construtivos nas*

- igrejas paroquiais (séculos XV-XVI)*. In COSTA, Aníbal; *et al., eds.* – 2º Seminário: *A intervenção no Património. Práticas de conservação e reabilitação* (vol. 1). Porto: FEUP e DGEMN, p. 105-116.
- (2006) – *Gótico, Manuelino e Renascimento no norte de Portugal*. In PULGAR SABÍN, Carlos del, *ed.* – *Arte e Cultura da Galiza e Norte de Portugal: Arquitectura*. Setúbal: Marina Editores, p. 186-223.
- SARAMAGO, José (1995) – *Viagem a Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.
- SERRÃO, Vítor (2002) – *História da Arte em Portugal: O Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- (2015) – *O chamado mestre da Lourinhã e as encomendas picturais de corte em Portugal no dealbar do século XVI*. In ALMEIDA, Isabel Cruz; NETO, Maria João, eds. – *Sphera Mundi. Arte e Cultura no tempo dos Descobrimentos*. Lisboa: Caleidoscópio, p. 185-199.
- SILVA, Ricardo J. Nunes da (2015) – *João de Castilho entre Vila do Conde e Santiago de Compostela (1513): a transferência de conhecimento e a mobilidade artística do mestre trasmiero*. In ALMEIDA, Isabel Cruz; NETO, Maria João, eds. – *Sphera Mundi. Arte e Cultura no tempo dos Descobrimentos*. Lisboa: Caleidoscópio, p. 225-249.
- VASCONCELOS, Joaquim (1885) – *Da Architectura Manuelina. Conferência realizada na Exposição Districtal de Coimbra*. História da Arte em Portugal (Sexto Estudo). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ZARAGOZÁ CATALÁN, Arturo (2007) – *Mediterranean Gothic Architecture*. Atenas: Culture 2000.

